

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O NEGRO NAS LETRAS DAS MÚSICAS “A NOSSA GENTE SE MISTUROU” E “A COR DE DEUS”.

Kate Rayanny dos Anjos Bomfim¹

Ana Beatriz dos Santos Almeida²

1

Resumo: O referido trabalho tem como objetivo investigar o modo como ocorre a construção discursiva sobre o negro presente nas letras das canções “A nossa gente se misturou”, do Irmão Lázaro, e “A cor de Deus” da Banda Mel, relacionando-as com as vozes constitutivas do interdiscurso e com os estereótipos gerados socialmente sobre os negros, inclusive dos divulgadores de tais músicas. Como base teórica, foram utilizados os pressupostos conceituais da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), presente nas ideias de Pêcheux (1997), Orlandi (2005) e Maingueneau (2006). Tal corrente teórica estuda, entre outros temas, como ocorre a construção dos sentidos em determinadas condições de produção a partir das representações discursivas e ideológicas de diferentes enunciadore. A AD considera que a língua não é transparente, não sendo considerada somente a partir do aspecto gramatical/linguístico, mas a partir de aspectos extralinguísticos, que se dão através da relação existente entre língua, ideologia, história e sujeito. Para realizar tal investigação, inicialmente foram identificadas as imagens atribuídas aos negros e os estereótipos ligados a ideia de negritude, analisando as formações discursivas e ideológicas que perpassam tal representação. Dessa forma, foi possível perceber que tais canções tratam da negritude, abordando as condições sociais nas quais os negros vivem e que correspondem a alguns estereótipos sociais dos negros que circulam na sociedade.

Palavras-chave: discurso; negros; música; sentido.

¹ BOMFIM, graduanda em Letras com Espanhol, UEFS, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: kate.rayanny@yahoo.com.br.

² ALMEIDA, graduanda em Letras com Espanhol, UEFS, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: beatriz.santal@yahoo.com.br

1. Introdução

O referente artigo é resultado de uma pesquisa feita com o objetivo de analisar as representações discursivas presentes nas letras das canções “A nossa gente se misturou”, Irmão Lázaro e “A cor de Deus”, Banda Mel, canções estas que falam da negritude e são cantadas por negros.

Sabe-se que a música entendida enquanto elemento do discurso, pressupõe a materialização de ideologias diversas, tratando de diversos temas, acompanhando a existência humana. De acordo com Rubim (2009, p.13), “o imbricamento – vida e música – faz da canção um lugar especial na produção do imaginário que os brasileiros constroem de si, do país e do mundo. A canção seduz e produz, no Brasil, imaginários e identidades.” Assim, a música, como uma forma de manifestação e expressão popular, é um instrumento essencial quando se deseja compreender uma sociedade ou um grupo social.

Para os negros, a música foi, e ainda é utilizada como forma de expressar seus costumes, crenças, cultura e religião, e principalmente sua condição perante a sociedade. Os negros foram e ainda são temas de músicas diversas, o que faz com que sejam difundidas através dessas músicas fatores históricos e ideológicos em relação ao povo negro. Dessa forma, é possível utilizar as canções citadas para investigar o modo como se dão as construções discursivas e ideológicas sobre negritude. Para isso, a base teórica utilizada nessa pesquisa diz respeito aos pressupostos conceituais da Análise de Discurso de linha francesa, presente nas ideias de Pêcheux (1990), Orlandi (2005), Indursky (2005) e Maingueneau (2006).

2. Fundamentação teórica

A presente pesquisa teve como aporte teórico a Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD). Ela estuda o modo como se dá a ligação entre os elementos linguísticos e as representações discursivas ideológicas que delimitam “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p.160), no que se

refere à construção do discurso. Ou seja, como que ocorre a significação dos discurso em determinadas condições de produção.

De acordo com Orlandi (2006, p.14) “Pêcheux (1969) vai dizer que o discurso é mais do que transmissão de informação (mensagem)”, criticando o antigo esquema elementar da comunicação. Essa crítica se dá porque a AD não considera a comunicação como um sistema linear, e nem a língua como apenas um código usado para a transmissão de mensagem do enunciador para o destinatário.

Dessa forma, a AD “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso”(Orlandi, 2005, p.15). E para isso, é preciso entender que a língua não é transparente, sendo dotada de opacidade e equívoco, uma vez que ela não transmite a realidade necessariamente como ela é, mas sim, interpretações da realidade marcadas por ideologias Pêcheux (1990) considera a língua como sistema relativamente autônomo, constitutivamente marcada pelo equívoco. Segundo Orlandi:

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. (ORLANDI, 2005, p.15).

Portanto, o discurso não é considerado somente no aspecto linguístico/gramatical, não sendo apenas transmissão de mensagem/informação, mas a partir de aspectos extralinguísticos. Esses aspectos se dão através da relação existente entre língua, ideologia, história e sujeito. Por isso, o discurso não é individual, é efeito de sentidos entre interlocutores.

Não sendo individual, o discurso é gerado por um sujeito que não é livre, pois este está sempre preso a determinadas ideologias discursivas, estando assujeitado duplamente: primeiro a língua, para se constituir sujeito, e depois a uma ideologia, mobilizando uma esfera social. Desse modo, ele não tem liberdade para dizer o quer, tendo em vista o fato da sua subordinação às formações discursivas e ideológicas variadas, sendo interpelado pelo inconsciente.

A formação discursiva é o conjunto de regras e normas que regem os grupos e conseqüentemente os seus discursos, permitindo o que se pode dizer em determinadas conjunturas. Já a formação ideológica diz respeito ao conjunto de ideias que não é nem individual nem universal, pois está ligada a um grupo social específico, de tal modo que toda formação discursiva está relacionada à formação ideológica. Sendo assim, o sentido no discurso varia conforme os sujeitos são interpelados pela ideologia, e não pelo contexto como afirma a Pragmática. Pois, não há discurso sem ideologia e formação discursiva.

Outra noção que é extremamente importante para a AD é a de interdiscurso, pois todo discurso se constrói a partir de um já dito, de outros discursos que circulam socialmente e que são constitutivamente heterogêneos (HEINE, 2012, p.49). Porém, não se deve considerar o já dito como sendo algo exterior à língua, mas como sendo um elemento necessário para que haja qualquer enunciado. Pois, todo discurso se origina a partir de uma rede de já ditos.

O interdiscurso não é identificado facilmente, pois é presumível a existência de uma gama de enunciados, que são exteriores e anteriores ao sujeito. “Ao contrário, quando se enuncia resgatam-se apenas algumas formações discursivas com as quais o discurso dialoga, retomando parte do todo, pedaços do interdiscurso, gestos do pré-construído” (HEINE, 2012, p.51).

Dessa forma, o interdiscurso é o conjunto de tudo que já foi dito, sendo exterior ao sujeito enunciatador, e assim esquecido. Entretanto, quando se

enuncia, há a retomada através da memória discursiva. Por isso, o esquecimento é extremamente necessário para que ocorra a efetivação do interdiscurso, ele “funciona como memória, no sentido de que ele é ‘já-dito’, o pré-construído, que pressupõe uma relação direta com a História e com o social” (HEINE, 2012, p.51). Por isso a AD estabelece que é impossível existir formação discursiva que não seja dominada pelo já-dito, o interdiscurso.

Para o desenvolvimento desse artigo, foram utilizadas duas letras de canções cantadas por negros e que falam sobre o povo negro, que circulam no cenário musical brasileiro: A nossa gente se misturou, Irmão Lázaro e A cor de Deus, da BandaMel.

Primeiramente, foram identificadas as imagens atribuídas aos negros nas referidas músicas. Em seguida, foram analisadas as formações discursivas e ideológicas que perpassam tal representação, analisando também os elementos do interdiscurso que contribuem para a construção de sentidos sobre o negro. Por fim, foram identificados e analisados os estereótipos ligados à ideia de negritude e de que maneira eles contribuem para a formação da imagem que se tem dos negros na sociedade. Todo o estudo foi feito a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa.

2. Breve análise de dados

A canção “A nossa gente se misturou”, do Irmão Lázaro, faz referência à presença dos negros na história da formação da sociedade. O cantor/compositor, é atualmente um cristão protestante, fez parte de bandas cujas músicas representavam uma forma de militância a favor da negritude e da condição do negro na sociedade, trazendo letras que exaltavam a importância dos negros para a construção da sociedade brasileira, como as bandas Cão de Raça e o grupo Olodum.

A nossa gente se misturou
Quando os brancos
Encontraram com os negros pela primeira vez
Pensaram que estavam encontrando
Com uma nova raça de macacos
E os negros pensaram que os brancos
eram fantasmas
De repente tu invadiu o meu quintal
Eu pensei que era fantasma
Tu pensou que eu era animal
De repente tu invadiu o meu quintal
Bateu em mim, acorrentou a minha gente
E levou pra longe
E como exemplo de homem feio tu me colocou
Mas esqueceu que a cor da pele
Nunca foi barreira pra segurar paixão
Nunca foi barreira pra conter o amor
Calor que vem com calafrios
De repente nossa gente se misturou
Dividindo a mesma cama
Permitindo-se encantos
Compartilhando os riscos

A primeira estrofe da música faz referência ao primeiro contato que ocorreu entre brancos e os negros, destacando o estranhamento que houve entre eles. Nesse trecho já é possível retomar elementos do interdiscurso sobre

os negros: considerados macacos pelos brancos, como mostra a música, foram assemelhados a animais, considerados feios, estranhos e primitivos. Discursos que colocam o negro como macaco, ressaltando sua condição primitiva são encontrados circulando em diversos gêneros, e a música é um deles.

A partir disso, nota-se que há uma menção a representação discursiva de que os negros não pertencem à mesma espécie dos brancos. Esse discurso se faz possível, a partir da associação que se faz entre a cor da pele negra com os pelos dos macacos e entre o modo de vida dos negros e desses animais.

A formação ideológica de que existem raças inferiores que devem ser submetidas às superiores pode ser recuperada a partir da letra da música. É a partir dela que a formação discursiva de que o branco é a raça superior, uma vez que os negros são comparados a macacos, ou seja, a animais primitivos, se destaca.

Como se sabe, os negros foram introduzidos na sociedade brasileira como escravos, utilizados como mão-de-obra colonial. E para justificar tal escravidão, a Igreja Católica, dominante na Europa, utilizou-se de uma passagem bíblica, do Antigo Testamento, onde Noé amaldiçoa seu filho Cam: “E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos” (GÊNESIS, 9:25). Então, como os negros recusaram a fé cristã, a Igreja começou a vê-los como os descendentes de Cam, acreditando que eles não possuíam alma e podendo assim, serem tratados como “coisa”, como animais. Por isso a referência ao negro como macaco.

Na música, há a citação da própria escravidão:

“De repente tu invadiu o meu quintal
Bateu em mim, acorrentou a minha gente
E levou pra longe”

A expressão quintal se metaforiza e dá lugar à ideia de que a terra dos negros foi invadida. O sujeito do discurso, apesar de se apresentar em primeira pessoa (mim, meu), não representa apenas o eu discursivo, mas desdobra-se em vários outros sujeitos escravos que foram trazidos como mão de obra para vários países da América. Destaca-se, então a heterogeneidade discursiva, no trecho citado.

Em outro trecho da música, encontramos outras representações discursivas:

“E como exemplo de homem feio tu me colocou
Mas esqueceu que a cor da pele
Nunca foi barreira pra segurar paixão
Nunca foi barreira pra conter o amor
Calor que vem com calafrios
De repente nossa gente se misturou
Dividindo a mesma cama
Permitindo-se encantos
Compartilhando os riscos”

Aqui, o cantor se refere ao discurso de que o negro é visto com o estereótipo de pessoa feia. Esse discurso é possível, pois o padrão de beleza há muito estabelecido pela sociedade diz respeito tão somente a pessoas de pele branca, cabelo lisos se encaixam no padrão estabelecido socialmente, padrão este do qual os negros estão muito distantes. Assim, são categorizados como feios, exóticos. O padrão de beleza que se aproxima daqueles estabelecidos pelos europeus também traz já-ditos relativos ao período da colonização: para os europeus os negros tinham traços faciais grosseiros, sendo feios e esquisitos. Tal discurso ainda é propagado, inclusive com a exclusão ou com o pequeno número de negros e negras que são requisitados pelas agências de modelos que difundem determinado padrão de beleza na sociedade atual.

O mesmo trecho apresentado anteriormente, fala também que isso não foi impedimento para que os brancos e os negros tivessem relações amorosas ou meramente sexuais. O que acarretou na mistura dos povos, característica fundamental da sociedade brasileira. Esse discurso é possibilitado a partir do fato de que muitas escravas eram abusadas sexualmente pelos seus senhores, numa situação de desigualdade de poder e de prestígio. As relações entre brancos e negros, ao contrário de serem harmoniosos baseava-se na força e hierarquia social. E dessas relações, nasceram crianças abastadas, que não eram consideradas como filhos legítimos, tornando possível a mistura que temos hoje.

Agora serão analisadas as formações discursivas encontradas na canção “A cor de Deus” da BandaMel. Essa banda é referência quando se trata de música afro-baiana. Suas músicas, no geral, versam sobre a Bahia, mas também sobre os negros, não só os baianos, mas no cenário brasileiro e mundial. A letra da música está colocada a seguir:

A COR DE Deus (Banda Mel)

Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela,
Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela.
Em vez de apartheid, aperta a mão do negro,
O negro tem direito, de viver,
Negro é amor, negro é a paz, não quer a guerra,
O negro também é a esperança dessa terra.
O teu sentimento,
É como um lamento,
Que leva aos quatro cantos,
O canto do sofrimento.

Fraternidade, igualdade, liberdade,
O Negro quer um universo cheio de felicidade,
Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela,
Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela
Na África tem negro, com sofrimento,
Aqui também o negro, tem o seu lamento,
No mundo inteiro o negro tem o seu sentimento
Na África tem negro, com sofrimento,
Aqui também o negro, tem o seu lamento,
No mundo inteiro o negro tem o seu sentimento.
Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela,
Você sabe a cor de Deus?
Quem sabe não revela

Inicialmente destaca-se o seguinte trecho da música:

“Você sabe
A cor de Deus
Quem sabe não revela”

Nesse trecho da canção, é possível perceber que há um discurso transversal que o autor da canção utiliza para conferir autoridade ao seu discurso: o discurso religioso atravessa a música. Questionando se alguém sabe qual a cor de Deus, ele retoma elementos do discurso religioso para dizer que Deus é o mesmo para todos, independentemente da cor. Por isso, não se pode discriminar uma pessoa pela cor da pele. Essa fala é permitida a partir da

formação ideológica de que Deus ama a todos sem distinção de cor e raça. Assim, o preconceito contra o negro não pode ter mais justificativa religiosa.

“Em vez do apartheid
Aperta a mão do negro
O negro tem direito de viver
Negro é amor
Negro é a paz
Não quer a guerra
Negro também é
A esperança dessa terra”

Aqui, se encontra o já-dito sobre o *apartheid*, palavra de origem africana que significa “vida separada”. Ela foi utilizada para designar um regime de segregação social implantado da África do Sul no período iniciado em 1948 e estendido até 1994. No *apartheid*, o poder foi tomado pelos brancos e todos os outros povos deveriam viver separados deles, e não tendo os seus direitos básicos respeitados, pois não eram considerados como cidadãos verdadeiros.

Essa música faz parte do CD O Pulo da Gata e foi lançando em 1994. Então, o momento histórico em que a música foi composta revela a importância das condições de produção do discurso. A referida canção foi utilizada como forma de divulgação e oposição ao regime sul-africano, que já vinha sendo alvo de críticas em todo mundo.

A canção faz também referência ao fato do negro não ter seus direitos de ser humano assegurados pelo governo e que por isso, eles resistiam com violência. Não querendo a guerra, mas sendo essa a forma de lutar contra as desigualdades.

“O seu sentimento
É como um lamento
Que leva aos quatro cantos
O canto do sofrimento
Fraternidade
Igualdade
Liberdade
O negro quer o universo
Cheio de felicidade
Na África tem negro
Com sofrimento
Aqui também o negro
Tem o seu lamento
No mundo inteiro negro
Tem o seu sentimento”

Nesse trecho, o autor afirma que o negro apenas quer “fraternidade, igualdade e liberdade”, é a retomada do lema da Revolução Francesa no século XVIII. Diz ainda que o negro não quer nada além de ser feliz e que por isso canta o seu sofrimento para que todos no mundo inteiro possam ouvi-lo.

Por fim, a canção traz a tona o fato de que o negro sofre em todo o mundo, devido às imposições da época da expansão colonial e que refletem ainda hoje na sociedade.

3. Conclusão

A partir dos resultados apresentados, podemos relacionar os discursos encontrados nas canções analisadas com os estereótipos gestados socialmente do Irmão Lázaro, da Banda Mel e dos negros em geral.

Irmão Lázaro é negro, hoje é cristão-protestante e cantor de música gospel. Nota-se que as músicas cantadas por ele tocam em assuntos relativos a questões étnicas e religiosas. Nelas, há a retomada de já ditos sobre questões sociais que terminam sendo relevantes para o cantor.

Já com relação à BandaMel, ocorre o contrário. O estereótipo que se tem dessa banda, como antes citado, é de cantar a negritude e as condições sociais em que os negros vivem. Sendo assim, o *ethos* pré-discursivo foi confirmado no *ethos* discursivo.

Nas duas músicas analisadas, percebe-se a formação discursiva de que o negro é inferior ao branco e a retomada de discursos que consideravam o negro como primitivo e inferiorizado, o que justificou, inclusive segregações raciais fortes como o apartheid, por exemplo. Daí a marca da ideologia no discurso, como elemento significativo na geração de sentidos na língua.

Dessa forma, pode-se perceber como o sujeito é interpelado pela ideologia e por sua história, além das formações discursivas presentes no grupo social que eles se incluem. Por isso, o discurso não pode ser individual, pois é marcado pelo interdiscurso, pelos já-ditos anteriormente e que constituem a memória discursiva, pelo esquecimento.

4. Referências bibliográficas

A cor de Deus. In: BAMDAMEL. Disponível em: <<http://www.bamdamel.art.br/pages/cd-1994.html>>. Acesso em: 30 mai 2013.

GÊNESIS, In: Bíblia Online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/9>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

HEINE, Palmira. *Tramas e temas em análise de discurso*. Curitiba, PR:CRV, 2012.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

Nossa gente se misturou. IN: LETRAS. Disponível em: <<http://www.lettras.mus.br/lazaro/1568939/>>. Acesso em 30 mai 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

RUBIM, A. A. C. In: MARIANO, Agnes. *A Invenção da Baianidade*. São Paulo: Annablume, 2009.

VICENTINO, Cláudio, DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil para ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2001.